

RESUMO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GLORIA MARIA MIRANDA DA SILVA – O CORPO COMO ESCRITURA NA POÉTICA DE LÉON DAMAS – APRESENTADO NO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, EM DEZ/88.

Antes de iniciar o resumo propriamente dito deste estudo, gostaria de situar a escolha e a definição do tema, a partir do esclarecimento de três questões:

Por que a francofonia? Por que Léon Damas? Por que o corpo como escritura, título deste trabalho?

Retomando a primeira questão – Por que a francofonia – diria que havia em mim – antes da opção – um quadro de insatisfação, por um lado e de busca de caminhos, por outro lado. Insatisfação porque queria mais do que simplesmente trabalhar com a língua francesa, vinculada apenas à cultura e à civilização da França (é a língua francesa o meu instrumento de trabalho já que ministro esta língua para alunos do 1º grau do ensino público do município do Rio de Janeiro). Busca de caminhos que fossem mais condizentes com anseios e com definições já assumidos política e ideologicamente. Consciente e acordada para questões político-econômico-culturais da América Latina, visava mais do que uma identidade brasileira, uma identidade americana. Não quero com isto desprezar a cultura, a literatura e a civilização francesas, nem escamotear nossas relações, mas o curso de literaturas francófonas conciliou posições político-ideológicas com anseios profissionais e intelectuais.

Vi, através da francofonia, a possibilidade de uma abertura de caminhos e de uma relação mais democrática com outras culturas, já que formulada e construída a partir do diálogo e não a partir de uma idéia de origem ou fonte, influenciando e ditando normas, ou idéia de modelo a ser seguido enquanto ideal de perfeição que desperta fascínio e deslumbramento alienantes. Considero que através desta abertura e desta possibilidade de diálogo seja possível rever e estabelecer outro tipo de relação com as culturas e literaturas dos antigos colonizadores europeus.

Neste sentido, o contato com o escritor martinicano Edouard Glissant (presente na UFF, há seis anos) e o texto glissiano *Le discours antillais* solidificaram e consolidaram a opção feita.

MIRANDA DA SILVA, Maria da Glória. O Corpo como Escritura na Poética de Léon Damas (resumo de tese de mestrado). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S.Paulo, 11 (1): 160-164, 1988.

Em termos profissionais, o trabalho, a partir de textos francófonos (com alunos brasileiros de 1º grau) é, sem dúvida, fonte de maior interesse – pelas nossas origens até certo ponto comuns – e favorece a reflexão e a conscientização sobre questões fundamentais, através do reconhecimento de semelhanças e admisão, democrática, de diferenças. Eu retomo, repito o democrático, tentando resgatar e revalorizar este termo já tão desgastado e, na maioria das vezes, indevidamente empregado.

Como estudiosa de literaturas francófonas – nessa linha de abertura e diálogo – a escolha recaiu sobre Léon Damas.

Por que Léon Damas?

Justifico, inicialmente, através de dados bem concretos, práticos e oportunos – as datas – para traçar, paralelamente, objetivos maiores.

1988 é o ano do 10º aniversário da morte de Léon Damas e quis através deste trabalho homenagear (modestamente, dando o devido prestígio) este que é o primeiro grande poeta negro americano de língua francesa. Embora Damas seja reconhecidamente um grande poeta, alvo neste ano de muitas conferências e seminários aqui e no exterior, embora seja também reconhecido como aquele que primeiro ilustrou os princípios da negritude através de *Pigments*, publicado em 1937, Damas é da Trindade da Negritude (composta por ele, Senghor e Césaire) talvez o menos difundido.

O segundo objetivo é divulgá-lo para os brasileiros inserindo-o no nosso espaço, aproveitando-me deste ano do centenário da Abolição da Escravatura no Brasil (cujas comemorações, felizmente, visaram muito mais a denúncia da farsa da abolição do que a exaltação de seus méritos).

Com isto, pretensiosamente, procurei preencher uma lacuna já que, apesar de sua importância, Damas é pouco conhecido no Brasil, seja por estudiosos de literaturas, seja por ativistas de movimentos negros. E isto é curioso porque Damas aqui esteve em 1964/1968, por meses, pesquisando cultura e literatura brasileiras, fazendo contatos, revendo amigos atuantes em movimento negro, como Abdias do Nascimento.

Homenageando e difundindo Damas, viso estabelecer relações, diálogos e rever temas, como o próprio tema da Negritude (que tratarei adiante).

*Por que o corpo como escritura* – Há nitidamente, em Damas, uma preocupação e um envolvimento com a temática do corpo, que entendo como uma forma de tentar resgatar, descolonizando, o que o colonizador via como apenas um corpo de trabalho, de obediência servil e de prazeres sensuais e sexuais.

MIRANDA DA SILVA, Maria da Glória. O Corpo como Escritura na Poética de Léon Damas (resumo de tese de mestrado). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S.Paulo, 11 (1): 160-164, 1988.

Assim, como o corpo como escritura é o tema deste trabalho, enveredo pelo resumo, esclarecendo, de antemão, que as obras poéticas estudadas são *Pigments*, publicada em 1937, considerada como o monumento inicial de Negritude, por Senghor, e como o próprio manifesto deste movimento, por Aimé Césaire; a outra obra é *Névralgies* (1966) reunindo também poemas de *Graffiti* (1952) e outros posteriores mas com o mesmo espírito; e a terceira obra é *Black-Label*, longo poema, dividido em quatro cantos, publicado em 1956. A partir da leitura destes 3 volumes, levei em consideração, neste estudo, dois corpos: o escrito e o que se escreve, transformados no trabalho em 2 grandes blocos ou itens, numa perspectiva que emerge de Octavio Paz, para quem o texto poético é criatura e artesão da sociedade; de R. Barthes, quando este afirma ser o texto literário um compromisso entre lembrança e liberdade, o que para Julia Kristeva é ato de reminiscência e ato de intimação.

Desta maneira, considerando o caráter dialético do texto, o primeiro bloco visa analisar o texto – corpo escrito, como fruto de uma história, tendo por título ANTIGAS CORRENTES, NOVOS ELOS: O TEXTO COMO HISTÓRIA. A história “proibida” do Oprimido – vivida como não-história, como diz Glissant – se escreve no texto e como *Pigments* é o primeiro grande grito revelador desta história, esta obra é, nesta etapa, objeto maior de estudo. Os textos teóricos de Glissant, Depestre, Fanon, Bebel-Gisler – por exemplo e sobretudo – respaldam e embasam este trabalho, que retoma as antigas correntes que imobilizaram o corpo do homem negro e revela a descoberta de novos elos libertadores.

Assim, no primeiro momento deste bloco, estudei os *estereótipos do negro*, tentando mostrar, a partir da poesia de Damas, as formas de preconceito e discriminação raciais pelas quais se buscavam justificar e mascarar a exploração do homem pelo homem pois definiam o negro como essencial e socialmente inferior (um selvagem, um marginal ou uma criança que não sabe o que faz) e biologicamente superior (só serve para o trabalho e para o sexo).

O segundo ponto que chamei de *Das forças repressoras ao reduto de resistência* é subdividido em *O eixo do policial* e *O eixo do marginal*. No primeiro eixo, examinei as variadas formas de conquista do colonizador: do jugo à sedução, mostrando que a poesia damasiana veicula todas as etapas do corpo negro subjogado à opressão e submetido à camisa de força do modelo do repressor: do chicote concreto (quando transplantado e escravizado) ao chicote simbólico, pela política de assimilação/alienação cultural.

No eixo do marginal, analisei as formas de reação e resistência diante da ação do dominador: da reivindicação do marginal, do tema do marginal ao discurso marginal; da linha da revolta ao ato revolucionário; do desvio – (termo de Glissant) enquanto estratégia e forma de burlar mecanismos de assimilação e

MIRANDA DA SILVA, Maria da Glória. O Corpo como Escritura na Poética de Léon Damas (resumo de tese de mestrado). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S.Paulo, 11 (1): 160-164, 1988.

de enfrentar obstáculos que não podiam ser encarados diretamente – ao retorno (termo também de Glissant) que se configura como conquista efetiva e consciente de identidade própria.

No segundo bloco, cujo título é O ITINERÁRIO DA PAIXÃO: A HISTÓRIA DO TEXTO, abordei o corpo que se escreve, isto é, transcende a história e inscreve nova história, a da poética damasiana, ao longo dos tempos de escritura. A história do texto é o percurso do homem e do poeta, seu itinerário que vai da ruminação de suas dores e martírio (uma paixão) à busca de seu desejo, do prazer e do gozo (outra paixão); de *Pigments*, à *Névralgies* e à *Black-Label*.

Assim, no primeiro tópico – *De impasses e marchas* – estudei o calvário vivido através dos tempos (presente, passado, futuro) e a tentativa de vencer a depressão – constante na poética de Damas – pelo anseio de construção de sonhos e reconstrução de realidade. Apesar do pessimismo, tenta o poeta traçar um projeto de vida e readquirir o direito ao desejo que vai favorecer o encontro com o Outro e que se consolidará através deste Outro.

No segundo tópico – *Abrindo-se ao Outro* – apoiando-me no texto poético – e sempre – procurei mostrar que se Damas é o poeta da Negritude, afinado com os seus princípios e se sua obra é importante, neste sentido, como maneira de preservar e nutrir a capacidade de resistência e contestação (o que vi sobretudo no primeiro bloco), Damas ultrapassa as fronteiras deste movimento. Analisar a poesia de Damas unicamente sob o prisma da Negritude seria reduzir as potencialidades do texto poético damasiano e por outro lado fazer com que o leitor ignorasse Glissant, Depestre, Fañon e, mais do que isto, que ignorasse o próprio movimento da história e da sociedade. (Se o homem negro deve se situar enquanto negro, ele deve, acima de tudo, definir-se como homem).

Afirmo que não forjei, nem inventei nada e que esta linha de leitura sai do texto, pois Damas revela claramente uma abertura ao Outro – a outro corpo – o do Oprimido. E se este Outro é o proletário, o judeu, etc., ele é, sobretudo e evidentemente, a Mulher, que se torna o símbolo maior de busca da fraternidade a partir (principalmente) de *Névralgies* e *Black-Label*, entendendo que esta relação se faz com a mulher por ser ela que historicamente (lutando para mudar) sofre um duplo jugo: o político e o familiar. É a mulher mas vai além dela, pois são entidades femininas: Mulher, Terra e Poesia. Através desta abertura, favorecida pelo contato, o poeta revê, em *Black-Label*, e reavalia relações: do negro com o branco, do branco com o negro, do homem com o homem, com a Mulher, com a Terra, com o Texto.

*Black-Label* é, neste sentido, um novo cosmos que se organiza, considerando a multiplicidade e a possibilidade de abrir-se ao diverso, à relação com o Outro igual e/ou diferente.

MIRANDA DA SILVA, Maria da Glória. O Corpo como Escrita na Poética de Léon Damas (resumo de tese de mestrado). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S.Paulo, 11 (1): 160-164, 1988.

Finalmente, na última parte, *Poesia: um corpo em construção* visei explorar o texto como um jogo, como vários jogos, tentando mais do que montar o quebra-cabeça, revelá-lo e aproveitar-me de seu aspecto lúdico e, ao mesmo tempo, sério. Procurei mostrar, também, que se a escritura se apresenta em momentos como linguagem-objeto transforma-se em meta-linguagem, em palavra de palavra-objeto. Assim, em *Pigments*, o poeta faz o jogo poético; em *Névralgies* ele nomeia o jogo e reflete sobre ele (sobre a poesia). Em *Black-Label* desvenda claramente a sua forma de criar, brincar, jogar, deixando explícito o seu discurso marginal e mostrando que o corpo escravizado e alienado se descoloniza, se desaliena e se liberta através de um exorcismo que a palavra poética promove pelo corpo.

Sua poesia é feita com o corpo: com a boca que canta e diz, desfeticizando a língua francesa e enriquecendo-a de categorias que pertencem à língua oral, ao crioulo.

Sua poesia é feita com a boca que ri irônica, sarcástica e espontaneamente, revelando o humor damasiano, advertindo-nos do avesso das coisas, suas contradições e ambigüidades.

Sua poesia é feita com as mãos, pés e quadris que marcam e impõem novo ritmo e nova cadência aos versos, violando normas e códigos estabelecidos.

Escrevendo com o corpo (e eu cito, traduzindo, selvagememente, versos de *Black-Label*), o poeta "desenrola a palavra", "libera a mensagem" e "canta o poema para dançar".

Escrevendo com o corpo, Damas define a sua poesia e reafirma o seu movimento de "retorno", isto é, a conquista de uma verdadeira identidade cultural.